

ENTREVISTA INTERVIEW

GEOVANI MARTINS: DIREITOS HUMANOS NO MORRO, NO ASFALTO E NA LITERATURA

Jordan B. Jones

Brigham Young University

On September 25, 2019, the Department of Portuguese and Brazilian Studies at Brown University hosted Geovani Martins for an evening lecture, which I had the good fortune to interpret for. Because I was teaching his book *O Sol na Cabeça* (2018) in a course on Brazilian culture and social justice that semester, Leila Lehnen (my thesis advisor) helped me arrange for an interview with Martins that afternoon. I met him at the Hampton Inn in downtown Providence and conducted the interview there. After a long delay caused by the pandemic and by changes in professional and personal circumstances, I revisited the interview and prepared it for publication. I am grateful to Martins for making time to talk with me; to the faculty and staff of the Department of Portuguese and Brazilian Studies at Brown for facilitating this interview; and to the College of Humanities at Brigham Young University for granting funding that allowed me to hire several research assistants (Carrie Janotti, Xana Furtado, Ashton Tolento, and Cayden Bro) to help transcribe and analyze this and other interviews. Ashton and Cayden and I later co-authored an article on *lugar de fala* that uses excerpts from this interview and that appeared in *Brasil/Brazil* vol. 38, no. 76.

JJ: Eu estudo literatura e direitos humanos e como o que a gente lê afeta como percebemos outras pessoas e nos comportamos com respeito a elas. Então queria saber a sua opinião sobre o que a literatura faz – qual o papel da literatura, ou da arte, em nos ajudar a entender pessoas de outras classes sociais ou outras experiências de vida?

GM: Eu acho que o papel principal da literatura e da arte nesse sentido é promover a empatia. Como você consegue se colocar no lugar de outras pessoas e se colocar em determinadas situações que você não conhece. Através daquilo ali você consegue não apenas conhecer, mas de fato sentir alguma coisa. Então acho que isso seria a primeira coisa

que eu diria como principal. Mas junto com isso, eu acho que a literatura tem um papel importante no sentido de registro de um tempo histórico, e eu acho cada vez mais importante a construção e ampliação desse registro, assim, de outros tipos de humanidade, de outros tipos de possibilidades de se enxergar a vida e de lidar com ela. Então falando um pouco sobre a literatura no Brasil, por exemplo, eu acho que por muito tempo a gente teve a história do Brasil contada por um grupo muito restrito. Então acaba que a gente tem poucos registros de lugares diferentes. Com o passar do tempo isso tem mudado e eu acho importante que essa história seja escrita por cada vez mais gente. A questão, por exemplo, da escravidão no Brasil, que é uma história super mal contada até hoje, de uns anos para cá começa a ter mais vozes e mais olhares para o tema, o que amplia a complexidade do assunto e a nossa capacidade de reflexão sobre ele. Eu cresci a minha vida inteira ouvindo histórias sobre esse período que eram muito de um olhar de quem não tinha nenhuma empatia por aqueles seres que foram escravizados. Hoje em dia, lendo outros escritores, afro-brasileiros que conseguem se identificar muito mais com aquelas pessoas, eu vejo que a gente consegue a criação de personagens muito mais complexas dentro desse ambiente, e mais do que isso: o resgate histórico de figuras que foram apagadas a partir dessa falta de diversidade na nossa narrativa comum.

JJ: Sim, sim. E no seu ver, o que a literatura tem hoje de diferente dos outros meios – da arte, do cinema – nessa questão de gerar empatia por um outro?

GM: Eu acho que a primeira coisa que a literatura tem de diferente das outras artes (e aí não é nem o sentido da promoção da empatia, mas é uma diferença que eu acho que é importante e que nesse momento é importante dizer) é que a literatura é uma arte muito barata. Você consegue fazer literatura com um papel e uma caneta, e isso faz com que seja uma arte acessível para quem está fazendo. O que é preciso é que as pessoas tenham acesso aos livros, acesso a esse tipo de linguagem para poder desenvolver um trabalho. Então, eu gosto muito da ideia da literatura nesse lugar porque é uma arte que você consegue fazer só com você mesmo, ao contrário do cinema, ou da dança, ou do teatro, que precisa de ensaio, precisa de um lugar para apresentar.

E agora, na promoção da empatia, eu acho que a diferença é que muitas vezes você se confronta com aquele objeto sozinho. Não, não muitas vezes – todas as vezes que você vai ler um livro você está sozinho, e estar sozinho junto com essas histórias pode criar uma experiência que é diferente. Não quero dizer que é melhor ou pior do que o teatro, por exemplo, que é uma experiência coletiva, mas o fato de você estar sozinho enquanto lê um livro, enquanto se confronta com aquelas histórias, eu acho que transforma a experiência numa coisa bem intensa de relação com as personagens.

JJ: Interessante. Eu queria voltar um pouco: você falou que por muito tempo a história da escravidão e outras coisas foi contada por um grupo muito restrito. E eu queria te perguntar a sua opinião sobre quem é que pode escrever a partir de certas perspectivas. Então, um homem branco pode escrever da perspectiva de um homem negro ou de uma mulher negra, ou uma pessoa do morro pode escrever através da perspectiva de uma pessoa do centro? Até que ponto a gente pode ou deve assumir a ótica de outra pessoa?

GM: Eu acho que nesse sentido a gente tem que ter liberdade para trabalhar com o que a gente quiser. O que acontece é o seguinte: qualquer trabalho de arte que você coloque no mundo, você tem que saber que você está sujeito a receber críticas por isso. Então eu sou super a favor de que as pessoas escrevam sobre o que quiserem, mas sabendo que qualquer tipo de publicação gera uma responsabilidade.

Eu acho que o conceito de lugar de fala é um conceito muito importante para a gente conseguir discutir isso. Parece óbvio, mas às vezes a gente precisa dizer o óbvio: que cada pessoa fala do mundo a partir do que vê e de onde veio. Mas isso não quer dizer que ela não possa tentar falar de outros lugares. Muito pelo contrário, acho que é fundamental que os brancos, por exemplo, se interessem em falar sobre o racismo, se interessem em contar histórias sobre o racismo porque na verdade isso foi um problema que foi inventado pelos próprios brancos. E hoje em dia eu vejo que muita gente acaba usando essa ideia de lugar de fala – que é um conceito importante, mas percebo um movimento em que as pessoas de

alguma forma tentam esvaziar esse conceito e usar isso como uma ferramenta de se omitir para certos assuntos. Como quem diz, “Olha, eu não posso falar sobre isso então eu não vou falar, porque esse não é o meu lugar”. E eu não acredito que seja por aí.

JJ: O que acaba fazendo com que não pensem sobre aquele assunto também.

GM: Exatamente.

JJ: Queria te perguntar sobre a sua própria relação com a literatura e a arte. O que você leu quando era mais jovem, ou lê agora, e quais são suas influências na escrita?

GM: Minha relação com a literatura começou muito cedo; eu leio desde sempre. Eu realmente não me lembro de um mundo sem a literatura, porque eu comecei muito cedo a ler bastante. Minhas principais influências vêm todas da literatura brasileira, na verdade: o Machado de Assis, o Graciliano Ramos, o Carlos Drummond de Andrade, depois o Lima Barreto, o João do Rio. E o Shakespeare também foi alguém que eu li muito, saindo um pouco da literatura brasileira. E aí a minha relação com a arte muda um pouco porque até então eu só gostava de literatura; não gostava nem tanto de cinema e eu não me interessava muito por teatro porque não conhecia também, e era muito viciado em literatura, o que eu acho que de algum jeito me afastava um pouco das outras artes por eu ficar muito fechado naquilo dos livros. Quando eu tinha uns 20 anos, ou 21, eu conheci um diretor de teatro que me convidou para participar da companhia de teatro dele, para atuar e também para escrever algumas coisas. E ali eu tive uma relação de aproximação com outras artes, principalmente com o teatro e com o cinema. E além dessa aproximação, que foi muito importante para mim, foi que, na época, essa companhia de teatro montava uma peça chamada *Shakesfunk*, que eram esquetes de Shakespeare dentro de um contexto do baile funk. Foi ali que eu percebi que cultura popular e cultura erudita podiam conversar, e mais do que isso *deviam* conversar sempre. Então foi uma coisa muito marcante para mim enquanto formação como artista. Agora, um outro tipo de arte com que eu sempre tive muita conexão e que eu acho que sempre influenciou meu trabalho é a música. Eu comecei

tocando instrumentos, fazendo música, fazendo letras de música com meus amigos e até hoje me sinto influenciado pela música na hora de criar, principalmente na questão do ritmo. Eu não consigo pensar o texto sem pensar num ritmo e num tom, que é uma coisa que tem muito a ver com a criação musical.

JJ: Então escrever letras de música foi sua entrada à literatura escrita, mais ou menos?

GM: Foi. Foi letra de música e poesia principalmente, e depois eu comecei a fazer uma outra coisa que foi muito importante para mim. Eu não sei se aqui nos Estados Unidos tem esse nome, mas a gente chama de “crônicas”. Conhece os cronistas brasileiros?

JJ: Sim, sim.

GM: Eu comecei a escrever com 14 ou 15 anos e tinha um blog em que eu postava essas crônicas. Eu acho que esse gênero me influenciou bastante. Até hoje eu acho que trago muito do olhar de cronista para o meu trabalho de ficção.

JJ: Sim, sim. *O Sol na Cabeça* é o primeiro livro que publicou, mas desde quando você vem escrevendo contos ou histórias mais longas?

GM: Eu comecei a escrever contos em 2013 e foi o primeiro ano em que eu fui publicado. Em 2013 fiz parte de uma antologia de contos. Eu fui participar de um festival de literatura chamado FLUPP, que é a Festa Literária das Periferias, e dentro desse concurso tinham três categorias, que eram poesia, romance, e contos e crônicas. Aí eu me inscrevi na de contos e crônicas, mas como eu já escrevia crônicas há algum tempo eu achava que sabia fazer; eu preferi tentar fazer o conto porque era a oportunidade que eu tinha de alguém comentar os meus trabalhos e tudo. E foi aí que comecei a escrever os contos e também comecei a ser publicado.

JJ: A gente falou agora há pouco sobre a teoria de lugar de fala e tudo o mais. Para você, como é que você aborda criar uma nova personagem que é diferente de você? Qual é o processo mental por que você passa para criar uma personagem que seja “autêntica”, de certa maneira?

GM: Então, eu tenho pensado muito sobre meu processo de criação de personagem. Nos contos eu percebi que todas as minhas personagens existem para cumprir funções bem específicas. Elas foram todas criadas para poder dar conta de contar a história que eu estava pretendendo contar. São personagens que já nascem com uma função muito bem definida. Em geral eu acredito que consigo entender o mundo muito através das histórias. E o que me chama muita atenção nas histórias que as pessoas me contam no dia a dia, ou nas que eu leio, é justamente esse fascínio por certas personagens. Então quando eu começo a escrever um conto geralmente eu já sei aonde eu quero chegar e então eu tento criar uma personagem que vai me ajudar a chegar ali. Então é um processo meio de que a história vem antes da personagem, nesse sentido. Agora que eu estou escrevendo uma narrativa mais longa, estou escrevendo um romance, eu sinto que preciso me aprofundar mais nessas personagens, e para me aprofundar mais nessas personagens elas precisam ser cada vez mais complexas e terem cada vez mais lados. E personagens dessa dimensão, eu sinto que elas geram suas próprias demandas porque você precisa justificar aquelas motivações, e para justificar essas motivações você precisa entender elas. Então agora acho que eu estou vivendo um momento em que minhas personagens têm um pouco mais liberdade para serem coisas que talvez eu não tinha imaginado num primeiro momento, mas a partir de quando eu começo a entrar dentro da vida dessas personagens essas questões vão surgindo e eu preciso dar conta de responder a elas, para mim e para o texto.

Então eu estou vivendo essa transferência de criar personagens, que vinha muito no sentido de me ajudarem a contar a história que eu já sabia que queria contar, e agora estou vivendo o momento onde a existência das personagens cria demandas novas, e isso com certeza traz coisas novas para a história. São processos muito diferentes. Mas como surge a criação da personagem eu realmente não sei te dizer exatamente. No meu primeiro livro, *O Sol na*

Cabeça, tem um conto que é um conto de personagem. Em todos os outros, as personagens foram criadas para dar conta de aquela história poder ser feita. Mas tem uma personagem, que é o cego, que é o único conto onde a personagem nasceu primeiro: a ideia de um homem cego, que usa drogas no fim do dia, e pensar o que ele pode sentir sensorialmente a partir dessas drogas e por que ele gosta de usar e tudo. Pensar sobre esse tipo de personagem me fez, na verdade, inventar toda uma história só para eu poder ter essa personagem dentro do livro. Mas em geral eu fiz o processo inverso.

JJ: E o que te levou a escolher aqueles tópicos? Por exemplo, “Ah, eu quero falar sobre a vida no morro ou a corrupção da polícia”. Por que você escreve sobre o que você escreve?

GM: Eu acho que esse livro de alguma forma foi um jeito que eu encontrei de lidar com um momento muito intenso de descoberta de uma identidade. Digo isso porque eu sempre morei em favela, mas a verdade é que passei grande parte da minha vida com vergonha disso. E quando eu comecei a fazer teatro e vi o *Shakesfunk* – vi a potência da cultura popular junto com a cultura erudita – eu comecei a enxergar isso de uma maneira um pouco diferente. Logo depois eu participei desse concurso, a FLUPP, que acontecia todo sábado numa favela diferente com outros escritores, que também eram de favelas cariocas, e eu comecei a sentir uma vergonha muito grande da vergonha que eu sentia, sabe?

Então, de alguma forma, esse livro e esses temas são um pedido de desculpa que eu faço para mim mesmo por ter ignorado tanto tempo certos temas dentro da literatura. Porque a verdade é que eu escrevo desde muito cedo, mas eu ficava copiando os autores que eu gostava e falava sobre coisas que eu não conhecia, uma realidade muito distante. Então o que eu tentei fazer nesse livro foi traçar um panorama, o maior possível que fosse, da cidade em que eu vivia e tentar falar a partir de onde eu conheci essa cidade, a partir de onde eu comecei a entender o que é essa cidade. Então os temas passam muito por aí. Eu lembro que eu fazia listas sobre coisas que eu queria falar antes de fazer o livro. Então eu queria falar sobre pichação, eu queria falar sobre a polícia, e depois disso tudo foi se amarrando. No mesmo conto eu conseguia falar de duas, três coisas, no outro já outras coisas. Mas eu

acho que a motivação para esses temas foi realmente um jeito que eu encontrei de lidar com esse período de descoberta de uma identidade que foi sufocada durante muitos anos. Então ali tem muitos temas que estiveram à minha volta a vida inteira e que eu evitei pensar, e quando eu olhei de volta para eles percebi a potência que aquilo tinha, tanto emocional, mas também enquanto material literário. E foi aí que eu tomei essas decisões. Tem algumas coisas que são mais pontuais, como é o caso do primeiro conto, o “Rolézim”, que eu quis muito escrever porque na época em que eu o escrevi era a época em que estavam acontecendo justamente coisas muito parecidas com as do conto: a polícia abordar as pessoas aleatoriamente na rua ou parar ônibus e fazer todo mundo descer e tudo mais. O “Espiral”, que é o conto que vem depois, é a tentativa de sintetizar um sentimento que eu cresci sentindo e que as pessoas da minha volta também sempre me relataram. E eu nunca dei muita importância. E depois, quando eu percebi o quanto tudo isso era violento, eu fiquei com essa coisa na cabeça até a hora de escrever o conto, e por aí vai. Mas eu acho que esses temas todos vêm de uma tentativa minha de traçar um panorama dessa cidade do Rio de Janeiro, mas que não é a cidade que normalmente está associada aos temas que em geral são tidos como temas cariocas. São uma espécie de *underground* do Rio de Janeiro.

JJ: E até que ponto as personagens do livro são inspiradas em pessoas reais, em amigos, parentes seus, talvez, ou não têm nada a ver?

GM: São inspiradas em muita gente, inclusive em amigos e familiares, às vezes até em mim mesmo. Mas acontece que são muito misturadas com invenções também, porque muitas das vezes eu pegava uma história que tinha acontecido com alguém, que é por exemplo o caso de “O rabisco”, que é a história do pichador, ou o caso de “A viagem”, que são histórias que as pessoas me contaram de fato. Mas, por exemplo, no caso de “O rabisco”, um amigo meu tinha vivido aquela situação de ficar encurralado num prédio, e ele tinha acabado de ter uma filha, e ele me contou essa história, e isso ficou muito na minha cabeça. Mas a verdade é que eu inventei tanta coisa dentro disso que até hoje ele não se reconheceu nessa personagem. Então eu acho que eu acabo partindo de gente que está na minha volta, mas, como eu disse, eles estão ali para poder me ajudar a contar essa história, e essa história vai

demandar que eu coloque muitas outras coisas – que eu misture uma personagem com outra. Muitas vezes uma personagem minha não é um amigo meu; é tipo cinco amigos, e aí vira um só. Então eu encaro muito esse processo de escrita como uma espécie de costura de muitas coisas, de muitas realidades, e de muita fantasia também. No fim das contas é difícil identificar exatamente o que é o que, sabe?

JJ: Sim, sim. Você disse que tinha uma ideia em mente para cada conto menos o do cego, não é? Como você vê esse livro? É um livro de denúncia social em termos da violência contra as pessoas, as comunidades, as favelas? Ou é – e com certeza pode cumprir várias funções – mas qual seria a reação ideal num leitor que lê esse seu livro? O que ele pensaria e faria depois de ler seus contos?

GM: Eu acho que o livro é muitas coisas. Passa pela denúncia, passa pela pesquisa de linguagem, passa pelo registro da linguagem de um tempo, passa pela análise de uma cidade. Eu acho que as duas leituras ideais (eu não consigo pensar em uma só) são ou a da identificação ou a do estranhamento. Eu sabia que o mesmo texto poderia causar essas duas coisas, dependendo do leitor que estivesse de frente com ele. Ou a pessoa vai se identificar com aquelas personagens e com aquelas histórias porque já viveu coisas parecidas e conhece aquele universo, ou a pessoa vai simplesmente estranhar porque não conhece aquilo e é uma coisa nova. Então acho que essas leituras opostas são as duas leituras mais possíveis do livro e isso me interessa bastante no fim das contas.

Mas uma das coisas que eu tentei trazer muito para dentro desse livro, para a discussão em cima desse livro, é talvez tentar abrir uma discussão sobre a questão das drogas, que hoje em dia eu acredito que seja a principal justificativa do Estado Brasileiro para o genocídio de uma população. E não discutir sobre isso acaba sendo uma forma de ignorar uma coisa que para mim é tão óbvia. Se tanta gente morre em confrontos policiais – esse ano a gente já teve cinco crianças assassinadas, várias baleadas em confrontos com policiais – é porque eles têm uma desculpa de que estão combatendo as drogas, o que é um absurdo depois de 30 anos usando a mesma ferramenta. A coisa não funciona e você vai continuar fazendo a

mesma coisa? Então uma das discussões que eu achei importante trazer para dentro do livro, e que eu gostaria que fosse refletido para quem fosse o leitor, é como funciona essa dinâmica de drogas numa cidade como o Rio de Janeiro.

JJ: Você acha que ao retratar as drogas e a violência no morro ou nas comunidades, nas favelas, você corre o risco de fortalecer o preconceito contra moradores de favela na mente de pessoas que não moram lá? Tipo, “Ah, a favela é assim mesmo; é violenta, tem drogas, então por isso que eu não devo ir lá; essas pessoas não têm nada a ver comigo...” – esse sentimento?

GM: Não, eu não me preocupo com isso, porque seria uma leitura possível, mas eu não tenho como controlar, na verdade. O que eu tento fazer é trazer essas personagens no auge de sua humanidade o tempo todo. Eles estão sempre com questões familiares, com questões filosóficas, questões de pensar no futuro; eles estão sempre cheios de questões. São personagens que historicamente foram desumanizadas. Então trazer essas pessoas no auge da humanidade deles, assim, se preocupando com a mãe, se preocupando com o filho, com o irmão, com os amigos. Eu acho que talvez a chave principal desse livro seja a amizade. E a amizade para mim é uma das coisas que mais pode humanizar qualquer um, porque é um sentimento que vem sem qualquer tipo de obrigação. Para mim é até mais do que a questão familiar, porque você é meio obrigado a ter uma relação com a sua família, mas na amizade não; amigos são pessoas que você escolhe amar e escolhe deixar que elas te amem também. E eu tentei trazer essa chave da amizade o tempo inteiro dentro do livro. Mas se alguém faz esse tipo de leitura é porque já tem uma inclinação a ter esse tipo de pensamento.

Eu sei que o livro tem uma função social, que tem uma crítica social ali dentro, mas no fim das contas eu estou fazendo literatura e não quero cair no moralismo ou cair num tipo de discurso que seja panfletário. Eu quero fazer arte, é isso que eu sempre quis fazer. Mas uma das coisas que eu tentei trazer para o livro, e acabo trazendo muito também nas outras coisas que eu escrevo, é de que a violência é uma coisa que está no mundo. Ela existe no mundo inteiro, e as favelas estão no mundo também. Porque às vezes parece que, a partir da fala de

algumas pessoas, a violência nasce nas favelas. E eu vejo completamente ao contrário: a favela está inserida num contexto mundial de um mundo violento, e por ser um território mais vulnerável em vários sentidos, naturalmente vai ser mais afetada por essa violência. Mas não quer dizer que essa violência tenha nascido ali.

JJ: Interessante. Você disse que a reação ideal seria ou estranhamento ou identificação ao ler esse livro. Esse propósito entrou na sequência dos contos? Porque para mim, quando eu li “Rolézim” tinha muitas gírias que eu (que não sou brasileiro) não entendia, e eu não sei se eu fui me acostumando, mas me parece que o primeiro conto é o que tem mais gíria e mais linguagem local e os outros são um pouco mais acessíveis para quem não é carioca, não mora lá. Você fez isso de propósito, para causar esse estranhamento drástico na mente do leitor?

GM: Totalmente. Eu acho que a questão da ordem dos contos é fundamental para esse trabalho. Inclusive, só antes de responder à tua pergunta vou dar um exemplo, que em “Travessia”, o último conto, o livro termina com uma personagem saindo do morro; ela foi expulsa. E ela está descendo a ladeira e está indo para outro lugar e termina dizendo que não sabe o que vai ser, mas sabe que vai ser tudo diferente. Essa frase, muitas pessoas remeteram a uma sensação de esperança e depois de as pessoas terem remetido essa frase a uma sensação de esperança...

JJ: “Pessoas” quer dizer leitores?

GM: Os leitores, isso. Leitores ou críticos, enfim, pessoas que leram e reagiram ao livro. Depois de eles remeterem essa frase a uma sensação de esperança, eu fiquei pensando em como funciona a questão da organização de um livro de contos. Pelo seguinte: se você pega esse conto e analisa separadamente, essa frase não tem a menor carga de esperança. A gente está falando de um cara que acabou de ser expulso de onde ele mora e não sabe o que vai fazer. Então qual é a esperança que pode cair nisso? Mas depois de tantas pessoas terem lido nessa frase alguma coisa de esperança, eu comecei a pensar que por ele ser o último conto

e encerrar uma série de outras histórias, essa leitura acabou se tornando possível através do que foi lido antes. Não necessariamente só daquele conto específico – todos os contos juntos funcionam como uma obra, como um conjunto e nenhum só como um *single*, pensando em música. Eu digo da música porque eu coleciono vinil, sempre escuto os discos todos na ordem. Então essa coisa de colocar as coisas em ordem sempre foi muito importante para mim. E no começo do livro, colocar “Rolézim” e “Espiral” um logo depois do outro, para mim foi muito importante e foi uma decisão absolutamente consciente. Que era o seguinte: eu tenho dois contos que são escritos em primeira pessoa, com duas personagens que vêm de lugares sociais parecidos, elas vão atravessar a cidade para um ambiente que para elas é hostil – então, quer dizer, até aí está tudo espelhado; é tudo a mesma coisa. O que é que faz a diferença? Os dois indivíduos enxergam esse mundo hostil de uma maneira completamente diferente, eles narram esse mundo de uma maneira completamente diferente – desde registro oral, à escolha das palavras e o ritmo da fala – e eles reagem a esse mundo de uma maneira completamente diferente. Eu achei interessante colocar logo um depois do outro porque através disso eu conseguia marcar que apesar de eu estar criando personagens que vêm de lugares sociais parecidos, cada uma é o seu próprio universo ali dentro.

JJ: Sim. Você disse que quer representar as pessoas no auge de sua humanidade. Eu gostei muito dessa frase e eu queria perguntar – porque na maioria dos contos eu diria que a polícia é retratada de maneira negativa e violenta, como pessoas que abusam o poder – mas tem um momento no final de “A história do Periquito e do Macaco”, e eu não lembro qual o nome da personagem, mas ela diz que depois que o policial foi morto e ela viu uma reportagem no jornal e viu os filhos dele. E ela diz, “até eu que odeio polícia, na hora senti um pouco de pena, vendo as criança naquela situação”. Então de certa maneira você está humanizando o policial e mostrando, “Olha, ele tem família também, tem essas emoções pessoais”. Por que você decidiu incluir isso? A polícia é enxergada na favela só de maneira negativa, ou as pessoas reconhecem a humanidade dos policiais? Ou isso é, talvez, algo que você traz para dentro da favela?

GM: É, a polícia em geral é enxergada pelos moradores de favela sempre pela maneira negativa, e com razão. A gente só conhece um lado deles, na verdade, então a gente só consegue enxergar esse lado, que é o que é apresentado para a gente. Eu lembro que eu estava, por exemplo, em Amsterdã no mês passado e eu pedi uma informação para um policial e ele foi super amável comigo. E eu lembro de como foi estranha essa sensação, porque era uma coisa que eu realmente nunca tinha sentido na minha vida. Mas eu achei importante fazer esse trecho porque o tempo inteiro no livro eu fico tentando fazer esses contrapontos. Por exemplo, se eu falo muito da maconha ou do LSD como drogas que vão promover algum tipo de libertação ou de alívio da vida cotidiana e como uma coisa que seja completamente normal (também tento trazer para esse lugar), eu também tento falar do crack, que é uma droga que pode destruir as pessoas, que destrói não só a pessoa, mas a família em volta. Se eu falo dessa relação com os traficantes, que muitas das vezes é uma relação normal de convivência e de amizade, também eu tento trazer uma história onde os traficantes não aparecem tão tranquilos assim, que eles podem também ser perigosos para a própria população. Eu vou tentando trazer esses contrapontos ao longo do livro com tudo, e eu achei importante tentar fazer isso para poder realmente não cair no lugar do moralismo, mostrar que tudo tem dois lados. Para mim foi importante fazer essa parte do policial porque no começo do conto ele já fala de outro tipo de criança, depois ele fala das crianças do policial e aquilo ali de alguma forma coloca na balança um pouco esses contrapontos.

A gente sente raiva da polícia no Rio porque é uma raiva que vem da questão imediata. Se está sendo oprimido, se está sendo assassinado por uma pessoa, é natural que você odeie ela. Mas se você dá dois passos atrás e consegue enxergar um pouco mais de como opera esse sistema, os policiais são pessoas pobres e negras como nós. E eles estão ali para morrer do mesmo jeito, sabe, muitas vezes sem nem saber o porquê. Então eu enxergo muito mais eles hoje. Eu continuo tendo raiva da polícia no sentido mais urgente, quando é um confronto direto. Mas quando eu consigo dar um passo atrás – e não é sempre que eu consigo, mas quando eu consigo – eu consigo enxergar eles como peões dentro desse jogo,

que estão ali só para cumprir essa função e morrer também da mesma forma e deixar a família e tudo mais. Então achei importante trazer esse contraponto também.

JJ: Tem uma linha em “O rabisco”, em que o Fernando, eu acho, ele está lá e reclama do pai que nunca esteve lá para ajudá-lo e ele decide que não vai fazer isso com seu filho; ele vai estar lá. E tem um momento em que ele diz “é parada difícil lutar contra os instintos”. Então essa pergunta talvez tenha a ver com essa questão do meio em que você é criado e de como é que isso influencia o seu comportamento. As pessoas na favela, por viverem numa área vulnerável, são mais aptas a certos comportamentos que uma pessoa que não mora na favela?

GM: Eu não sei. Na verdade, eu não sei, eu acho que a falta de oportunidade para certas coisas, por exemplo, para estudar literatura ou para fazer um curso de inglês ou para, sei lá, ter um outro tipo de formação, abre um outro leque de oportunidades. E eu acho que vai muito para esse lugar. Agora quando eu digo dos instintos, é um instinto humano, nesse caso dele, é a liberdade. No fim, isso fica bem claro no conto: que fazendo aquilo ele se sente livre. E o instinto de ser livre é uma coisa que é mais forte do que tudo no fim das contas, pelo menos eu acredito. E isso pode explicar tudo. Por exemplo, muitas pessoas entram para o tráfico por vontade de usar roupas que nunca tiveram condições de comprar, e ali pode morar a noção deles de liberdade. Outras entram para o tráfico porque tiveram algum problema com a polícia e acham que ali dentro vão conseguir uma chance de se vingar daquele sistema. E dentro da vingança encontram algum tipo de liberdade. Mas eu acho que cada caso é muito particular, principalmente quando a gente pensa que, por exemplo, na Rocinha, que é uma favela com quase 100 mil habitantes, nem cinco por cento é traficante. Então eu acho difícil a gente pensar que tem sempre a ver com isso.

Acho que pode ter a ver com muitas outras coisas. Da mesma forma que a gente tem um monte de gente, por exemplo o filho de uma juíza no Brasil que foi preso esses dias com não sei quantas toneladas de maconha e não sei quantos quilos de cocaína. O que leva um cara que teve tudo – todo o conforto durante a vida inteira – a começar a traficar drogas? É

uma vontade pela adrenalina? O que é? É difícil de dizer. Então, no fim das contas a imagem do favelado enquanto traficante fica muito atrelada uma na outra, porque essa é justamente a maior representação que se tem para fora dali. Quando se fala na televisão, nos jornais, ou até mesmo no cinema, e muitas vezes na literatura, de uma personagem que nasceu na favela, ela está muito ligada ao traficante, então isso acaba sendo uma associação feita com muita facilidade. Quando, na verdade, da minha família inteira, dos meus amigos todos, se dois ou três tenham virado traficante, foi muito. E aí, se você for pensar o tanto que não virou, é tipo 200, 300, 400 pessoas. Então é uma estatística muito baixa que acaba sendo ampliada de acordo com uma lente que enxerga só isso, sabe?

JJ: Você acha que a literatura tem o poder de mudar a realidade do mundo ou talvez a realidade de como as pessoas pensam? E se sim, você viu os sinais de que seu livro tem mudado o conceito que as pessoas têm da favela ou do Rio?

GM: Eu acho que a literatura tem o poder de agir no indivíduo, e o indivíduo é o mundo, no fim das contas. Eu acho que o que meu livro faz, na verdade uma das coisas que ele faz, é mostrar para outras pessoas que é possível escrever também, que é possível contar suas próprias histórias, que é possível que as pessoas se interessem por esse tipo de história. E isso para mim já é uma coisa grande. Porque quando a gente sai só de mim e começa a enxergar isso como um movimento, várias outras pessoas fazendo – não a mesma coisa, mas coisas parecidas, de contar a história do próprio bairro, de contar a história da família, de contar essas outras histórias que por muito tempo foram apagadas ou não registradas dentro da literatura brasileira – aí, sim, eu acredito numa mudança grande. Por exemplo, eu tenho muitos amigos que vão em escolas públicas de ensino fundamental, ensino médio, o mês inteiro para conversar com alunos e falar sobre o processo de escrita, para falar sobre as histórias. Para mim, eu acho que tem uma força muito grande em vários lugares. Um deles é do entendimento sobre o próprio território, sobre o próprio corpo e sobre a própria história, e outro é a ampliação de uma perspectiva que muitas vezes é reduzida. E é nesse tipo de mudança que eu acredito – em ampliação de perspectivas e de possibilidades.

Eu acho que eu só consegui me tornar um escritor porque eu sempre acreditei que poderia ser um escritor. Se eu tivesse crescido com outro tipo de pensamento de “Não, a minha vida tem que ser isso aqui mesmo, tenho que arrumar um trabalho e eu vou ter que fazer uma família” – que é o que a gente acaba sendo levado a pensar na maioria das vezes – seria tudo completamente diferente. Por algum motivo (seja pela minha família, seja pelas leituras que eu fiz) eu sempre dei muita importância para meu tempo livre; eu nunca gostei de ter emprego fixo, ficava trocando de emprego, preferia ganhar menos dinheiro e ter mais tempo do que ao contrário. E tudo isso foi muito importante, mas esse tipo de decisão só foi possível porque existia ali uma perspectiva muito bem definida para mim. E isso tem a ver com muita coisa, tanto as leituras, mas também pessoas que eu conheci ao longo da vida e que me deram esse tipo de pensamento.

Então acho que o poder da literatura nesse lugar é conversar com as pessoas e talvez promover uma espécie de... de ampliação, de alguma forma, da perspectiva dessas pessoas. E a partir disso, elas podem fazer qualquer coisa (não necessariamente a literatura). Mas aí eu já consigo enxergar que pode existir de fato uma mudança. Sobre o olhar e se o livro tem o potencial de transformar esses olhares para esse território: eu acho que tem, mas sempre no indivíduo, e de indivíduo a indivíduo a gente consegue alguma coisa. É difícil pensar que a partir de um livro eu vou transformar uma visão que já foi tão bem construída por tantos outros veículos. Mas se eu consigo fazer isso com uma pessoa e essa pessoa dá esse livro para outra, eu sinto que alguma coisa está acontecendo. E como eu não escrevo sozinho, pode ser que a longo prazo essa mudança – que precisa acontecer, e que eu acredito que a gente só vai conseguir sair de onde a gente está agora quando essa mudança acontecer – eu acho que em algum lugar a literatura com certeza vai ter contribuído para isso.

JJ: Você falou de outras pessoas que estão escrevendo sobre coisas semelhantes. Você se sente parte desse movimento ou de um movimento que muitas vezes é chamado literatura “marginal” ou “periférica”? E se sim, em que ponto você passou a se identificar com essas pessoas e a dizer “eu sou parte desse grupo”?

GM: Eu acho que eu comecei a me identificar com essas pessoas porque o meu processo de formação foi feito em grupo. Eu fui publicado pela primeira vez numa antologia com vários amigos que eu tinha feito ao longo do tempo, então para mim é muito natural eu me sentir parte de um grupo. Na verdade, mais do que parte de um grupo eu me sinto parte de uma geração, que é a primeira geração de intelectuais – não estou dizendo que antes não existissem intelectuais negros ou intelectuais de favelas; existiam, mas eles eram muito isolados. Tanto que eu converso com essas pessoas hoje e elas falam sobre a solidão desses espaços, de ser o único negro na universidade, ser o único negro no jornal. E hoje em dia a gente tem uma geração. Eu escrevo no jornal com mais pessoas negras, eu publico na Companhia das Letras com mais pessoas negras e mais pessoas de favela. Quer dizer, não me sinto sozinho nesse lugar, sabe? Então eu me sinto parte dessa geração, que é a geração de muitas pessoas que foram a primeira pessoa da família a entrar numa universidade, que foram a primeira pessoa da família a trabalhar com o pensamento, a conseguir viver de arte. E isso se dá muito a um momento histórico brasileiro, que é o começo ali dos anos 2000, o começo do governo Lula e uma série de políticas de inclusão social. Então eu me sinto parte desse movimento de autores de favela, sim, embora eu não me considere propriamente um autor de favela; eu me considero um autor normal. Nasci na favela e aí a partir disso as coisas acabam se encontrando. Mas eu me sinto parte desse movimento porque eu sei que alguma coisa está acontecendo de transformação na literatura brasileira e que eu estou inserido dentro de um grupo que de alguma forma é o que promove essa transformação de olhares e de possibilidades de narrativa.

Mas mais do que isso eu me sinto parte de uma geração, uma geração que, mesmo tendo sido criada dentro de uma série de dificuldades, foi uma geração que, em relação à geração anterior, à dos seus pais, é uma geração que teve muitos privilégios. Por exemplo, se todos os meus familiares – minha mãe, meu pai, meus tios – todo mundo teve problemas com comida, todo mundo passou fome, teve dificuldade de se alimentar, eu já não. Eu já tive a questão da alimentação muito bem resolvida na minha vida; não era uma preocupação. Então isso para mim já é um privilégio em relação à geração anterior. Eu não cursei a escola até o final; eu saí da escola muito cedo, mas eu poderia ter cursado. Isso foi uma escolha

minha, sair da escola – diferente da minha mãe, que teve que sair da escola para cuidar de oito irmãos quando tinha 10 anos de idade. Então eu sinto que a minha geração, em relação à geração anterior, tem uma série de privilégios nesse sentido, por ter vivido um momento diferente do país, e isso acaba gerando frutos.

Quando eu era criança nos anos 90, por exemplo, tinha uma pesquisa que dizia que dentro do ambiente universitário, da universidade pública, apenas dois por cento dos alunos eram negros e isso, numa população de 54 por cento de pessoas negras, é um número que é um absurdo. Hoje em dia a população negra dentro das universidades públicas já beira os 30 por cento, vinte e poucos por cento, se não me engano. Ainda não é o ideal, porque o ideal seria a proporção da população brasileira e a população universitária, mas é um salto muito grande. E isso gera uma série de coisas dentro da sociedade – seja a conscientização da própria família a partir de um que vai ali e pega aquelas ideias e traz de volta para dentro de casa, seja a ampliação dos temas de pesquisa acadêmica. Por exemplo, hoje em dia se fala muito mais sobre a questão racial no Brasil por um motivo que para mim é muito claro: muitos mais negros entraram na universidade, muitas mais pessoas começaram a pesquisar sobre isso e isso virou finalmente um assunto. Então eu me sinto parte dessa geração que teve um salto grande em vários sentidos e que vai acabar gerando frutos. A gente não sabe exatamente até onde vai ser, mas com certeza alguma coisa vai acontecer por conta dessa geração.

JJ: Você disse que está escrevendo um romance. A última pergunta é se você tem outros projetos futuros em mente e se você gostaria de comentar sobre eles.

GM: Eu tenho muitos projetos em mente, na verdade, o que para mim é bom porque eu passei um momento de crise logo depois que eu publiquei o livro. Porque o que aconteceu foi que eu escrevi esse livro, *O Sol na Cabeça*, num estado de desespero emocional muito grande, no sentido de uma apreensão sobre o que seria o futuro, o que seria da minha vida. Não tinha emprego, não tinha profissão, sabia que podia escrever um bom livro, mas não tinha certeza se seria publicado, não tinha como ter certeza de muita coisa. E aí depois que

eu publiquei o livro e tudo começou a dar certo, eu comecei a questionar se dentro desse conforto seria possível fazer outro livro. Mas isso passou, e eu estou com muitas ideias. A primeira delas, a mais urgente agora, é esse romance que vai se passar num momento muito específico do Rio de Janeiro, que é entre 2011 e 2013 e a chegada das UPPs na Rocinha. É um livro em que eu falo sobre dois irmãos, e envolvimento com cocaína, um livro que eu estou tentando (e acho que estou conseguindo) me aprofundar um pouco mais nessas relações familiares e tudo mais. Mas para além disso eu tenho a ideia para fazer um outro livro de contos. Tenho a ideia para fazer um outro romance, um romance que reflete um pouco as experiências que eu tenho vivido hoje em dia nesse lugar: você de repente é completamente desconhecido e não tem dinheiro para comprar um maço de cigarro, e depois você está ali sendo reconhecido por boa parte do Brasil e frequentando vários lugares e viajando para fora e tudo. Essa mudança tão brusca é uma coisa que me interessa, pretendo trabalhar isso em livro futuramente.

Tenho a ideia para duas biografias também. Uma delas é a de um sambista carioca chamado Wilson Moreira. Ele nasceu e foi criado em Padre Miguel, que é um bairro ali próximo de Bangu, então me interessa um pouco pela história dele porque eu acho que contar a história dele também é contar um pouco a história da região – como é que é aquilo ali e a história do samba na região, que é uma coisa que me interessa. E ele, para mim, é uma personagem muito fascinante porque eu acredito que ele seja um dos poetas mais líricos da geração dele. Mas em contrapartida, ele passou a vida inteira trabalhando como carcereiro. Ele se aposentou como carcereiro de Bangu Um, o presídio lá de Bangu, e isso para mim é uma espécie de incoerência muito interessante: como é que um dos poetas mais líricos tem esse tipo de trabalho? Então isso me interessa muito, é uma biografia que eu tenho vontade de escrever. E tenho muita vontade de escrever uma biografia sobre o Adriano Imperador, futebolista que jogou no Flamengo e foi jogar na Internazionale. Ganhava 20 milhões de dólares por ano e um dia ele decidiu largar o time e sumiu. Ficou um mês sumido e depois voltou para o futebol e acabou sendo essa personagem que se recusou a uma vida de luxo porque queria viver outro tipo de vida, uma vida mais sossegada e mais próxima das pessoas

que ele gosta. Acho essa história bonita e gostaria de um dia ter a oportunidade de contar ela também.

JJ: Muito obrigado.

GM: Agradeço pelo papo.